

4. Uma transmissão aberta

São Paulo também expressa a consciência de que seu serviço de transmissão prolonga a transmissão de Pedro e dos outros Apóstolos. Paulo tinha a preocupação de servir a transmissão de Cristo, com sua fidelidade à tradição apostólica. Lemos, por exemplo, nos Atos dos Apóstolos: "Nas cidades pelas quais passavam, ensinavam que observassem as decisões que haviam sido tomadas pelos apóstolos e anciãos em Jerusalém." (At 16,4). E isto transmitia para as comunidades uma vitalidade fecunda: "As Igrejas, entretanto, estavam se tornando mais fortes na fé e cresciam em número todos os dias" (At 16,5).

E é a partir desta humilde fidelidade que Paulo pôde pedir aos discípulos que acolhessem, também dele, a tradição apostólica. Escreve aos Coríntios: "Eu vos felicito, porque em tudo vos lembrais de mim, e guardais as minhas instruções, tais como eu vos transmiti" (1 Cor 11,2). Ou aos Tessalonicenses: "Assim, pois, irmãos, ficai firmes e conservai os ensinamentos que de nós aprendestes, seja por palavras, seja por carta" (2 Tess 2,15).

E neste sentido, São Paulo adverte aqueles que pretendem viver como cristão sem viver na transmissão: "Intimamo-vos, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que eviteis a convivência de todo irmão que leve vida ociosa e contrária à tradição que de nós tendes recebido" (2Tess 3,6)

A este respeito, é bom tocar muito brevemente, em um aspecto da questão contra a qual Jesus nos adverte, especialmente em suas disputas com os fariseus. É a tendência a tomar posse da tradição, encerrá-la, a não mantê-la sempre aberta, sempre "fluida", como a do próprio Jesus. Trata-se da tendência de transformar a transmissão que nos pede em uma tradição que possuímos, tomamos posse.

A passagem mais esclarecedora sobre este argumento se encontra no capítulo 7 do Evangelho de Marcos. É a disputa que os fariseus lançam sobre as tradições dos antigos, quando veem os discípulos comendo a refeição sem lavar as mãos. Jesus aproveita a oportunidade para condenar esta posição, justamente porque toma posse da transmissão da palavra de Deus aprisionando-a em tradições fechadas em si:

"Jesus disse-lhes: Isaías com muita razão profetizou de vós, hipócritas, quando escreveu: *Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão, pois, me cultuam, porque ensinam doutrinas e preceitos humanos.* Deixando o mandamento de Deus, vos apegais à tradição dos homens (...). Na realidade, invalidais o mandamento de Deus para estabelecer a vossa tradição. Pois Moisés disse: *Honra teu pai e tua mãe; e: Todo aquele que amaldiçoar pai ou mãe seja morto.* Vós, porém, dizeis: Se alguém disser ao pai ou à mãe: Qualquer coisa que de minha parte te pudesse ser útil é corban, isto é, oferta, e já não lhe deixais fazer coisa alguma a favor de seu pai ou de sua mãe, anulando a Palavra de Deus por vossa tradição que vós vos transmitistes. E fazeis ainda muitas coisas semelhantes" (Mc 7,6-13)

"Anulando a Palavra de Deus por vossa tradição que vós vos transmitistes" (Mc 7,13).

Este versículo expressa o centro do problema. Deveria nos fazer refletir quando consideramos o nosso modo de viver a vida monástica, nossa tradição monástica, para ver se, sim ou não, permanecemos em uma transmissão humilde e aberta de um presente, ou se nos reduzimos apenas a guardas jurados de antiguidades fechadas no cofre da nossa observância, um cofre além de tudo, cada vez mais enferrujado. Jesus nos lembra aqui, que a fonte de toda tradição e transmissão é a palavra de Deus, ou o mandamento de Deus (7,9). Lembra-nos que a tradição nunca permanece viva se não for nutrida pela fonte original e eterna: Deus que fala aos homens, Deus que nos revela sua vontade, sua verdade e seu amor. Deus, que se expressa plenamente em sua Palavra, o Filho unigênito, que se faz carne e habita entre nós.

Sim, temos esse poder terrível de "invalidar" esta fonte eterna. E isto simplesmente porque, para os fariseus, a palavra de Deus e o mandamento de Deus são apenas um pretexto para sacralizar a autonomia, a lei que eles fazem, a tradição como Jesus diz, que eles transmitem.

A grande corrupção inerente de todo o tradicionalismo, consiste no fato que se perde a relação com a fonte da tradição, se perde o contato com a palavra do Deus vivo, se perde a conexão entre os mandamentos e a vontade de um Deus que é que era e que vem, para manter sob o próprio controle uma tradição bem delimitada, cuidadosamente selada, que não tem mais nem fonte nem irradiação. É a lâmpada colocada sob o alqueire, do qual Jesus fala: "Traz-se porventura a candeia para ser colocada debaixo do alqueire ou debaixo da cama? Não é para ser posta no candeeiro?" (Mc 4,21). Com a expressão: "traz-se", Jesus parece indicar o fato de que a luz não vem de nós, vem de outro, de um outro que não somos nós.

Porque o grande problema das tradições fechadas, não transmitidas por Deus ao mundo, é que sufocam, se esgotam, secam, apagam. Toda tradição, toda observância, toda doutrina que perde sua fonte e sua radiação, está inevitavelmente destinada a morrer.

São Paulo tinha um sentido aguçado deste perigo, pois ele tinha passado. Na juventude, era fechado em uma tradição que os fariseus se transmitiam entre eles e não podia admitir que qualquer novidade viesse a quebrar este sistema definitivamente fechado, onde a palavra de Deus, os mandamentos de Deus, não tinham outra fonte senão a própria tradição fechada. Nenhuma prova, nenhum testemunho, nenhum espetáculo de santidade, como por exemplo de Santo Estevão, chegavam a perturbar a tradição oclusa que Paulo defendia sem piedade. Até o dia em que a Fonte viva de toda a tradição, a palavra de Deus em pessoa, Jesus, falou-lhe pessoalmente e, de repente, Saulo percebeu que a palavra de Deus havia criado uma transmissão que, por assim dizer, contornava a sua tradição impermeável e inoxidável. A Luz tinha chegado e ele era cego, a tinha deixado passar sem vê-la. Como escreve São João: "A luz brilhava nas trevas e as trevas não a venceram" (Jo 1,5). Era Saulo, não a Luz, que estava debaixo do alqueire.